

Patrimônio de cada um de nós

Márcio Cotrim

De repente, Brasília tornou-se a musa da temporada. A imprensa nacional e internacional abriu seus mais generosos espaços para notificar o auspicioso fato: a cidade assumia as condições de patrimônio cultural da humanidade.

Foi justo. E desde que, em 1985, o governador Aparecido iniciara as gestões necessárias, as pessoas que vinham acompanhando o assunto mais de perto sempre estiveram otimistas, o resultado não surpreendeu.

Agora, cá entre nós, até que seria bom ter presenciado o julgamento. Juizes circunspectos, afundados em salas escuras de poltronas de couro encarnado, habituados a decidir sobre similar atribuição a conjuntos consagrados como o Taj Mahal, a Grande Muralha da China, o templo de Karnak e mesmo Ouro Preto ou Olinda — edificações milenares e centenárias, todas cobertas por espessa pátina do tempo — subitamente confrontadas com um conjunto arquitetônico leve, ensolarado, uma flor do trópico. Dir-se-ia uma competição desigual, quase irresponsável, coisa de latino-americano na acepção mais pejorativa do termo.

Pois aqueles cidadãos severos, ao folhearem os elementos do processo, foram percebendo a singular importância do conjunto sob exame. E descobriram tratar-se de um parque, de jardim imenso e acolhedor, um oásis em plena aridez de um terreno antes absolutamente desértico. Era uma cidade nova, capital de um país jovem, idealizada pela obsessão de um homem predestinado e concluída em apenas três anos, a partir do nada, por operários pobres chamados candangos mas cheios de determinação e que deram forma às linhas dos prédios projetados por Oscar Niemeyer, construídos no arruamento urbanístico idealizado por Lúcio Costa e ajardinado sob a exuberante inspiração de Burle Marx.

Toda uma especialíssima conjugação de fatores que certamente os deixou perplexos e fascinados, ao mesmo tempo que os levou à convicção de que a outorga era mais que merecida. Tratava-se, realmente, de algo excepcional a concessão do título a obra tão recente, mas era também o reconhecimento ao conjunto arquitetônico mais belo de nossos dias. Uma imposição do bom senso e o resultado natural e prático do desdobramento de uma lúcida visão cultural, sintonizada com o que de melhor a arte moderna produziu no século XX.

A decisão enche de orgulho todos os brasileiros, mas sobretudo nós, que moramos em Brasília, e temos, mais de perto, a consciência do que ela significa. Na verdade, não se trata de homenagem ao passado, mas de compromisso com o futuro. Nem é, como querem alguns desavisados ou mal intencionados, o cerceamento precoce da expansão da cidade mas, ao contrário, uma superlativa atitude de afirmação, preservação e valorização, da harmonia e da beleza.

Os empresários de visão curta que, à boca pequena, têm reclamado a falta de novas áreas para a construção de mais prédios — o que transformaria Brasília, como Copacabana, num paredão ou num abominável paliteiro — deveriam atentar para o fato de que o mercado imobiliário daqui ainda mais se qualificará a partir da nova condição que a cidade assumiu no contexto cultural com a láurea que recebeu.

Mais ainda: essa nova condição dará à cidade prioridade para a obtenção de financiamentos nacionais e internacionais — como, aliás, ocorreu recentemente. O BID acaba de aprovar empréstimo de 100 milhões de dólares para a melhoria do sistema de água e esgotos sanitários no Distrito Federal, inclusive com a despoluição do Lago Paranoá, o que permitirá a Brasília um desafogo que se fazia urgente mas para o qual não existiam recursos.

Há todo um astral positivo envolvendo a decisão da Unesco. É como mudar de assunto neste País resmungão, e Brasília passa a ser tratada de forma diferente, cessam as críticas ranzinhas de sempre e termina aquela conversa idiota de voltar a capital para o Rio porque aqui não haveria condições ideais de vida.

Brasília, cadinho de todas as vertentes culturais brasileiras, cumpre seu destino e recebe a outorga do plenário cultural mais importante do mundo. Brasília moça, frívola e irreverente, só precisou do lapso de uma geração para ser reconhecida como mais formidável monumento criado pelo moderno gênio brasileiro.

Brasília, centro irradiador das decisões nacionais, terra abençoada e porto místico de convergência de credos de todas as tendências, para muitos a capital do terceiro milênio, agora deixará de ser molestada por apetites adúladores mas vorazes que devastaram outras cidades planejadas, como Belo Horizonte e Goiânia.

Conseguida a memorável vitória, cabem duas cogitações. A primeira, menor, de que agora é preciso assear a cidade, mantê-la com a gala que ela passa a merecer. É urgente acabar com os camelôs, limpar as vias e os viadutos, consertar os buracos. Enfim, Brasília agora tem que se apresentar diante do mundo digna da especialíssima homenagem que recebeu.

A segunda, bem maior, é feita por elementar dever de justiça. Ninguém pode desconhecer o entusiasmo do governador Aparecido nessa conquista. Foi ele quem se empenhou profundamente na batalha e a liderou até a vitória final. Isso é público e notório, e omitir o fato ou minimizá-la seria infame. Sem a atuação resoluta de Aparecido, a decisão da Unesco simplesmente não teria existido.

Amanhã, Brasília começa um novo ano. O ano 1 de sua existência como patrimônio cultural da humanidade. Que coisa fantástica e que lição para os céticos e retrógrados de todos os mtizes que diziam ser Juscelino um visionário e esta cidade o maior de seus delírios.